

The Foundations of Analysis Epistemic Dialogical Speech in Qualitative Research in Applied Linguistics

As Bases Epistêmicas da Análise Dialógica do Discurso na Pesquisa Qualitativa em Linguística Aplicada

Nívea Rohling

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Curitiba
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão (DACEX)
Grupo de Pesquisa em Linguística Aplicada (GRUPLA)
Curitiba (PR), Brasil
niveajoi@yahoo.com.br

Abstract - This paper presents the epistemological and methodological conceptions of Dialogic Discourse Analysis, which have been commonly used in qualitative research, in Brazil, more specifically in the area of Applied Linguistics. We discuss aspects such as the theoretical foundations, constitution of data, and parameters for discourse analysis of enunciations from different spheres of human activity.

Keywords - *Dialogic Discourse Analysis; Qualitative Research; Bakhtin Circle.*

Resumo - Este artigo apresenta as concepções epistemológicas e metodológicas da Análise Dialógica do Discurso, que têm sido comumente utilizadas em pesquisas qualitativas de Linguística Aplicada no Brasil. Para tanto, são discutidos aspectos como: fundamentos teóricos; constituição de dados e horizontes de possibilidades para análises discursivas.

Palavras Chave - *Análise Dialógica do Discurso; Pesquisa Qualitativa; Círculo de Bakhtin.*

I. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, no Brasil, houve um crescente interesse por parte de pesquisadores na área dos Estudos da Linguagem como nas Ciências Humanas em investigar questões filosóficas e questões inerentes à linguagem, tendo como *lentes* os conceitos advindos do Círculo de Bakhtin.

Neste texto, apresento as concepções epistemológicas e metodológicas que sustentam a pesquisa balizada pela Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD), amplamente utilizada em pesquisas qualitativas em Linguística Aplicada, no Brasil.

A presente discussão tematizará conceitos fundantes da referida teoria, processos de constituição de dados e parâmetros analíticos.

II. FUNDAMENTOS TEÓRICOS, CONSTITUIÇÃO DE DADOS E PERCURSOS ANALÍTICOS

Em uma pesquisa que tem como aparato teórico-metodológico os estudos do Círculo de Bakhtin, conceitos como *enunciado, sujeito, dialogismo, discurso e gêneros do discurso* são a base para empreender uma análise dialógica do discurso. Neste quadro epistêmico, destaca-se a noção de discurso, uma vez que ADD tem como enfoque a análise de produções discursivas produzidas nas mais variadas esferas de atividade humana.

Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin afirma que o discurso é a própria língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Linguística, que se obtém via abstração de alguns aspectos concretos do discurso. “O estudo do discurso verbal implica um olhar para as *relações dialógicas*, pois a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” [1].

As relações dialógicas podem ser compreendidas como lugares/posições axiológicas dos sujeitos nos atos concretos da vida, uma vez que

As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou concreto-semânticas, que *por si mesmas* carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas [1].

Para que as relações lógicas sejam dialógicas, é necessário que elas se materializem, tornem-se concretas na voz de diferentes sujeitos e, ao se concretizarem, as relações lógicas

entram no campo do discurso (enunciado) e saem do plano da língua.

Bakhtin ressalta o estatuto da palavra do outro (o discurso do outro) – a qual requer sempre uma compreensão ativa e uma atitude responsiva-ativa – na constituição da nossa palavra. A discussão sobre o papel da compreensão ativa e a presença do outro como constituintes do discurso constitui a base de sua teoria dialógica da linguagem ao relacionar o discurso ao diálogo, no sentido amplo do termo, sustentando a noção de que o discurso tem eminentemente uma natureza dialógica. Nas palavras bakhtinianas, “a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso” e, ainda, todo discurso “nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem do objeto é dialógica.” [2].

Essa orientação dialógica do discurso – dialogicidade interna do discurso que penetra os estratos semânticos e expressivos da língua – manifesta-se de duas formas: pela *orientação para o já-dito* e pela *orientação para a resposta*.

Partindo desse conceito de discurso, é que se pode empreender uma pesquisa dialógica de produções discursivas. Brait é uma das pesquisadoras brasileiras que argumenta em favor da constituição de uma teoria e metodologia para análise de discurso na perspectiva dialógica. Ao contextualizar essa teorização, a autora explica que não se pode afirmar que há, de fato, uma metodologia formalizada por Bakhtin para análise do discurso, assim como fez a Análise do Discurso Francesa, por exemplo. O que ocorre é um movimento de recuperação de conceitos construídos ao longo dos textos bakhtinianos, que têm sido um norte para os estudos da linguagem de caráter histórico e social [3].

Na acepção de Brait, grande parte dos estudos do Círculo de Bakhtin se dedica ao exame da linguagem estética, como nos trabalhos dedicados às obras de Rabelais e Dostoiévski, em que encontramos um elevado grau de teorização, tendo o romance como lugar privilegiado para a construção da arquitetônica teórica do Círculo. Porém, na teorização elaborada pelo Círculo, também há caminhos para se examinar a organicidade do discurso cotidiano, por exemplo, o que contribui significativamente para uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e aponta para formas outras de compreensão da produção de sentido. É possível dizer que a arquitetônica bakhtiniana fornece elementos que contribuem para um caminho, em outras palavras, horizontes possíveis para se estudar a linguagem e os discursos numa perspectiva dialógica [4].

Ao tentar definir esse horizonte teórico-metodológico, Brait escreve:

Sem querer (e sem poder) estabelecer uma definição fechada do que seria essa análise/teoria dialógica do discurso, uma vez que o fechamento significaria uma contradição em relação aos termos que a postulam, é possível explicar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem

como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas [3].

Conforme se pode inferir da citação, a impossibilidade de fechamento, em outras palavras, de estabelecimento de uma metodologia de análise rígida, está no centro da postura bakhtiniana. Tal opção epistêmica não se reduz à aplicação de uma metodologia e validação de teorias, mas ao construto de conhecimentos relevantes e responsáveis no âmbito dos estudos da linguagem.

A fim de construir parâmetros teórico-analíticos para se olhar o discurso em uma perspectiva dialógica, Brait [3] expõe algumas peculiaridades de tais pesquisas.

Primeiramente, a análise inclui um olhar particular para as práticas discursivas, ou seja, para as enunciações concretas e, ao mesmo tempo, leva em conta os contextos mais amplos de produção e circulação dos discursos. De acordo com Brait [3], o enfrentamento bakhtiniano da linguagem leva em conta as particularidades discursivas, que apontam para contextos mais amplos ao considerar os aspectos extralinguísticos imbricados. Outro ponto a ser observado é que em uma análise dialógica não há categorias *a priori* aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos.

Nessa perspectiva epistêmica, as categorias emergem das relativas regularidades dos dados, que são observadas/apreendidas no percurso da pesquisa. Desse modo, não se podem aplicar as mesmas categorias de uma pesquisa já feita a outra, pois o dado é sempre o discurso concreto e único proferido em um determinado espaço e tempo e por determinados interlocutores.

No âmbito da produção de conhecimento, certamente é necessário olhar o único, o singular, o evento que conduz a uma certa regularidade. Essa relação entre o particular e o geral na pesquisa relaciona-se ao que diz Ponzio:

[...] resulta óbvio que o conhecimento deva ser necessariamente conhecimento do geral, procedendo por conceitos, por classificações, por montagem, sobre a base de conjuntos, de gêneros, nos quais o singular, de um modo ou de outro, reaparece sob a forma de indivíduo identificado pelo pertencimento a este ou àquele conjunto [5].

Além dessa busca pelo instável e estável, novo e dado, geral e particular/singular, em um estudo na perspectiva dialógica de linguagem, há ainda que se levar em conta a complexa relação (dialógica e constitutiva) entre o pesquisador e o objeto de pesquisa (os dados, que são discursos proferidos por sujeitos). Tal relação não é neutra e nem pré-determinada, já que o pesquisador, em todo o processo de pesquisa, também está permeado por seu horizonte valorativo, preponderante nas suas escolhas durante o processo de pesquisa, que vão desde a escolha desse objeto até o relato da análise dos dados.

O trabalho do pesquisador inscreve-se na posição de um observador atencioso; ele é um outro (não neutro) no diálogo com os dados (discursos).

Concordamos com Amorim, que, ao trazer a metáfora da hospitalidade para fazer referência ao trabalho do pesquisador, propõe que, no ato-evento de se fazer pesquisa, o pesquisador pode ser comparado ao hóspede e ao anfitrião ao mesmo tempo. É anfitrião à medida que recebe e agrega o universo pesquisado, abre-se para tal universo; no entanto, é hóspede à medida que se lança a essa viagem, em que se propõe a um exílio deliberado para buscar o distanciamento, o estranhamento e o questionamento em relação ao objeto. Ele (o pesquisador) abandona seu território, desloca-se em direção ao país do outro, para uma determinada escuta da alteridade, para então poder transmiti-la e traduzi-la [6]. Esse processo de seleção/constituição de um objeto, bem como a ação de auscultá-lo e tentar interpretá-lo já são atividades acentuadas valorativamente. Segundo Amorim, “todo objeto de pesquisa é um objeto construído e não imediatamente dado” [6], porque o pesquisador seleciona seu objeto a partir de um determinado horizonte axiológico, permeado de uma série de já-ditos sobre o tema da pesquisa.

A relação entre pesquisador e objeto remete-nos ao que diz Bakhtin ao afirmar que “[...] toda relação de princípio é de natureza produtiva e criadora. O que na vida, na cognição e no ato chamamos de objeto só adquire *determinidade* na nossa relação com ele: é a nossa relação que define o objeto e sua estrutura e não o contrário.” [7]. Nesse contexto epistêmico-metodológico, estabelecer o objeto, gerar os dados de pesquisa e circunscrever os espaços de pesquisas (suas delimitações) constitui um trabalho teórico-metodológico do pesquisador cuja base é de natureza dialógica e axiológica.

É a partir dessa posição teórica que o pesquisador realiza a constituição dos dados de sua pesquisa, que se dá a partir de uma tomada de posição exotópica (de extralocalização) do pesquisador frente ao campo de estudo. O pesquisador se aproxima do campo para conhecê-lo, porém distancia-se dele para auscultar, pensar e refletir sobre um conjunto de enunciados que materializam determinado discurso.

Nessa caminhada de reflexão, ele se lança para um universo discursivo e busca, dentro de uma profusão de vozes, um distanciamento analítico. No entanto, nessa empreitada de pesquisa há sempre uma permeabilidade das convicções do pesquisador, de suas experiências/vivências, de suas leituras no ato de selecionar/constituir e analisar determinado objeto de estudo.

Nessa perspectiva epistemológica, o ato de fazer pesquisa envolve discussões da ordem da ética da responsabilidade fundante do Ser-sujeito [8]. Sobretudo uma responsabilidade pautada em uma filosofia do ato responsável em que “o mundo da cultura e do mundo da vida estão unidos no evento único de nossas ações, de nossa experiência de vida” [9]. Bakhtin propõe duas faces da responsabilidade: responsabilidade especial e responsabilidade moral [9]. A responsabilidade especial corresponde ao significado objetivo, isto é, tem relação com o conteúdo unitário relativo ao domínio da

cultura. Já a responsabilidade moral está relacionada ao evento único do ato [8].

Na pesquisa dialógica, em todo momento, o pesquisador trava um diálogo entre essas duas facetas da responsabilidade, pois faz parte da posição de pesquisador objetificar os dados, conferindo-lhes sentidos validados no campo epistemológico (responsabilidade especial). Por outro lado, o pesquisador se coloca em um lugar ético-responsivo no ato de se fazer pesquisa, um lugar de *não-álibi* em que ele não pode não dizer/calar e, ao mesmo tempo, não pode fragilizar o campo e desqualificar ou silenciar os sujeitos implicados na pesquisa (responsabilidade moral).

A partir dessa compreensão, busca-se produzir uma análise (ou um modo de olhar) situada, que possa ressignificar, de algum modo, as realidades observadas.

De forma mais pontual, Sobral [10] propõe alguns aspectos a serem observados em uma pesquisa cuja base teórico-metodológica é o pensamento bakhtiniano. São eles:

- a relação entre os aspectos generalizáveis e os aspectos particulares do fenômeno, que constitui o plano teórico;
- a relação entre as expectativas do pesquisador e a realidade do fenômeno, base da construção do objeto de que o pesquisador se ocupa, que constitui o plano ético;
- o caráter de construção arquitetônica de toda pesquisa, que constitui o plano estético.

Além das questões relativas ao modo de empreender uma análise dialógica do discurso e as implicações éticas implicadas em pesquisas dessa natureza, é preponderante tomar a língua no seu aspecto histórico e concreto, uma vez que o discurso não se constrói sobre uma determinada realidade, mas sim na relação de responsabilidade a outro discurso. Não há um acesso à realidade em si, mas a um universo discursivo, que é histórico, concreto e circunscrito a uma dada situação de interação discursiva. Reiteramos, então, que a análise de discurso é sempre mediada pela linguagem e realizada *sobre* a linguagem, pois o sentido se constrói nas relações dialógicas.

Isso porque, de acordo com Bakhtin [11], a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora do vínculo com a situação concreta. Então, para se conceber a linguagem sem perder de vista o caráter dinâmico de uma abordagem de cunho sócio-histórico, é necessário considerar que o ponto de partida para a análise do discurso (materializado nos enunciados) são os estratos sociais mais amplos, para então se chegar à materialidade linguística.

Assim, ressaltamos que, na pesquisa de cunho dialógico, há sim análise das marcas linguísticas. Contudo trata-se de um olhar para a língua vista na condição de discurso; trata-se de uma análise da linguagem em uso, do funcionamento discursivo em dada situação de interação discursiva. Tal estudo caracteriza-se por uma análise semântica que leva em conta as relações extralinguísticas, históricas e concretas, que se materializam nos enunciados, com vistas a construir compreensões sobre os sentidos promovidos no bojo das relações dialógicas.

A perspectiva da ADD é uma proposta de análise, uma via de investigação, uma maneira de interrogar e não um método de pesquisa ou modelo rígido de escrita [6]. Assim sendo, alguns parâmetros apresentados nas análises empreendidas pelo Círculo de Bakhtin podem orientar as análises de produções discursivas contemporâneas.

- O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco;
- A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso;
- O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados;
- O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados;
- A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenuniação de discursos e reacentuações de discursos.

O foco da análise são os elementos constitutivos do discurso que apontam para os modos de discursivização, perscrutando as regularidades materializadas no discurso. No entanto, vale destacar que os aspectos acima mencionados são parâmetros norteadores para a investigação e não categorias analíticas estanques e engessadas. Isso porque, muitas vezes, as regularidades discursivas emergem dos próprios dados no processo de se fazer pesquisa.

III. CONCLUSÕES

Em síntese, sobre a constituição e análise dos dados, é preciso destacar que se trata de uma análise aberta, em que as regularidades dos dados direcionam o diálogo. No entanto, o contorno/acabamento realiza-se ancorado no objetivo da pesquisa no agenciamento da multiplicidade de vozes (dos dados e da teoria) pelo pesquisador, a fim de atribuir inteligibilidades aos discursos analisados. Já na constituição de dados, indica escolha, autoria, opções metodológicas. Assim é que a pesquisa qualitativa de cunho dialógico situa-se no âmbito dos estudos em que o fazer ciência é construir significados cuja validade se calcula no interior do horizonte teórico que engendra a pesquisa [12].

Sendo, pois, uma análise aberta, por isso não é, e nem pode ser neutra; não existe pesquisa sem posição axiológica, sem ser infiltrada/encharcada por meandros ideológicos. A pesquisa também é um ato político, uma vez que é uma atividade em que a posição do pesquisador é permeada pelos entornos institucionais implicados frente às realidades situadas de seu foco de estudo.

Na ADD destaca-se a ancoragem epistêmica. Muito mais que uma metodologia ou uma teoria aplicada a um conjunto de dados a fim de validar as vozes dos interessados (da academia) no estudo, a arquitetura bakhtiniana permite ao pesquisador construir um outro modo de olhar as relações intersubjetivas, os discursos e até o mundo da vida, tendo em vista que se trata de um pensamento assentado na ética da responsabilidade e da

alteridade [8]. Segundo Geraldi [13], não é possível dizer exatamente o que diz Bakhtin, e sim extrair uma forma de pensar acompanhada por uma teoria significada pelo leitor a fim de construir novas compreensões, uma vez que nunca nos chegamos aos textos/discursos (neste caso, dos textos do Círculo de Bakhtin) desnudados de nossas contrapalavras e sim nos encontramos com eles encharcados/permeados/constituídos de uma série de discursos outros valorados/acentuados/povoados por uma multiplicidade de vozes sociais.

Por fim, o horizonte epistêmico-metodológico aqui apresentado mostra-se produtivo para o estudo qualitativo das produções discursivas contemporâneas, uma vez que não há categorias prévias, imutáveis, engessadas, e sim alguns parâmetros mais amplos que possibilitam a observação das regularidades e irregularidades, as estabilidades e instabilidades discursivas. É no ato-evento do fazer a pesquisa que se desenha o contorno do diálogo, pois, como afirma Amorim, “Toda pesquisa só tem começo depois do fim. Dizendo melhor, é impossível saber quando e onde começa um processo de reflexão. Porém uma vez terminado, é possível ressignificar o que veio antes e tentar ver indícios no que ainda não era e que passou a ser.” [6].

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro para participação neste evento.

Agradeço ao CNPq pela bolsa concedida durante a pesquisa de doutoramento do qual o presente texto é resultado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] Bakhtin, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 4. ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1963], p. 209.
- [2] Bakhtin, M. M. *Questões de literatura e de estética - a teoria do romance*. Tradução do russo por Aurora Fomoni Bernardini et al. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1998[1975], p. 88-89.
- [3] Brait, Beth. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- [4] Brait, Beth. A natureza dialógica da linguagem: formas e graus de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. *Diálogos com Bakhtin* 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2007. p. 61-80.
- [5] Ponzio, Augusto. Prefácio de Para uma filosofia do ato responsável. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. p. 9-38.
- [6] Amorim, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- [7] Bakhtin, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1979].
- [8] Bakhtin, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010[1986].
- [9] Ponzio, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008[1998].
- [10] Sobral, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto. 2007. p. 11-36.

- [11] Bakhtin, Mikhail M.; [VOLOCHÍNOV, V. N.]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 11. ed. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F.Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004[1929].
- [12] Geraldi, João Wanderley. *Ancoragens: estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- [13] Geraldi, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.